



Identidade! é licenciada
sob uma Licença Creative Commons.

Resenha de: MARTINS, Leda Maria. *Afrografias da Memória: O Reinado do Rosário no Jatobá*. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997.

Louise Lucena de Oliveira

Formada em Educação Física, Licenciatura Plena, pela FEF/UnB. Estudante de Licenciatura em Dança, Faculdade de Dança, Instituto Federal de Brasília – IFB, Campus Brasília/DF. Membro integrante do grupo de Estudo e Pesquisa GeAfro/UFRGS. Contato: louiselucenadanca@gmail.com

Leda Maria Martins, poetisa, ensaísta e dramaturga, foi a quinta mulher negra a obter o título de Doutorado no Brasil, em 1991. Dentre todas suas titulações, ainda possui dois pós-doutorados: um em Estudos da Performance pela Universidade de Nova York (New York University, Tisch School of the Arts, Department of Performance Studies, 1999-2000 e 2009), e o outro em Rito e Performance pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO, 1999). Atualmente é Rainha de Nossa Senhora das Mercês pelo Reinado de Nossa Senhora do Rosário no Jatobá, o que lhe confere grande autoridade e respeito diante da obra apresentada, pois também se fez e se constituiu desde dentro. Dessa maneira, desde o início do livro, o diálogo que se estabelece com o leitor participa e opera na mesma dinâmica do que se inscreve ao longo das páginas e para além destas.

Ao se deparar em mais uma encruzilhada da vida, *anganga muquiche* do Rosário, João Lopes, capitão-mor do Reinado do Jatobá, pressente sua hora chegar e resolve registrar seu conhecimento, o fundamento e tradição do Reinado no Jatobá para que estes não se percam na posteridade. Seu relato, na introdução do livro, traz consigo os desafios da tradução dos rituais de linguagem e conhecimento extremamente complexos, imbuídos na oralidade dos Reinados para uma forma de registro que, *a priori*, possui muitas limitações para dar conta de todo seu aporte. Composto por muitas nuances e planos variados, estes vão do mais sutil e sensível ao concreto palpável. Todos suscetíveis ao tempo-espço co-criado nas dobras da memória, ancestralidade, tradição e presença no agora, sendo semeados no vivido e no contado por seus integrantes. São performances da oralidade que em sua oralitura vão sendo desveladas em seus corpos.

O livro ***Afrografias da Memória – O Reinado do Rosário no Jatobá***, contextualiza a história da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário do Jatobá a partir dos Reinados Negros, destacando seu alcance e desdobramento na reterritorialização e cartografia da cultura brasileira e sua descendência africana. Ao mesmo tempo fundante e co-criado, os Reinados Negros carregam na força da palavra dos congadeiros toda arkhé e logos, reificada nas performances rituais que perpassam tudo que os constitui: do indivíduo, as estruturas, cantos, roupas, instrumentos, do visível ao invisível e coletivo. Assim, ao longo dos capítulos, nos transportamos para as Minas Gerais e a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário do Jatobá, saravando Zâmbi, ser supremo, e Undamba Berê Berê, a mãe do Rosário, rainha da terra e senhora do mar¹.

Antes de se entrar no universo do Reinado no Jatobá, propriamente dito, é preciso assentar os conceitos e acordar as perspectivas de entendimento, as quais serão base para todo o processo e trajetória construídas no livro e nas Afrografias da história. Desse modo, ainda na primeira parte do livro, a autora apresenta o conceito de encruzilhada como norteador para compreensão e assentamento do conhecimento traduzido no livro. O termo é peça chave, o que melhor contempla toda a narrativa, acontecimento e camadas que compõem o Reinado. A encruzilhada, que possui a entidade Exu Elegbara enquanto símbolo e signo do princípio dinâmico da comunicação, é *locus* tangencial, lugar radial, geratriz de produção sígnica e natureza móvel, sendo ponto de encontro e partida, origem e passagem dos sistemas e epistemes oriundos dos processos inter e trans relacionais das culturas confluídas no espaço.

Nessa concepção religiosa e filosófica da gênese e da produção espiralada do conhecimento, a encruzilhada é um princípio de construção retórica e metafísica, um operador semântico pulsionado de significância, ostensivamente disseminado nas manifestações culturais e religiosas brasileiras de predominância nagô e naquelas matizadas pelos saberes bantos.²

O sincretismo, apesar de muitas vezes ser entendido e usado como um termo guarda-chuva, ao contemplar sentidos tais como: mistura, junção, fusão, paralelismo ou justaposição e convergência ou adaptação, tudo junto; no livro, será utilizado

¹ MARTINS, Leda Maria. *Afrografias da Memória: O Reinado do Rosário no Jatobá*. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997, p. 22.

² MARTINS, 1997, p. 28.

apenas enquanto fusão e aglutinação para evitar confusão com outros sentidos atribuídos e contemplados pela encruzilhada. Assim, para além dos termos trazidos, a autora ainda destaca, como efeito dos cruzamentos culturais, dois outros processos possíveis a partir da encruzilhada em que não se sobrepõem às culturas, no qual o termo sincretismo não dá conta de seu acontecimento, e que se caracterizam pelos processos de analogia e deslocamento. O primeiro processo se dá por um espelhamento em que ambas as culturas se encontram simultaneamente e em paralelo. O segundo, ocorre por contiguidade através do deslocamento sígnico em que o culto aos santos católicos acontece a partir de uma gnosis ritualística fundamentada na cultura africana.

Composto por múltiplas e variadas versões da mesma história, o Reinado de Nossa Senhora do Rosário se encontra no cruzamento e semelhanças dos relatos à respeito de como a santa sempre aparece ao mar após seu resgate feito pelos colonos e, só o deixa definitivamente para se juntar aos candombes dos negros, através do toque de Moçambique, como última investida para sua retirada do mar. Ainda nessa primeira parte, também temos a discussão sobre os termos Congado e Reinado em que o conhecimento sobre sua diferenciação e definição são importantes pois, o Congado é um termo usado para os diversos tipos e manifestações de guardas que tanto são um dos elementos que compõem o Reinado como também possuem outras maneiras de se manifestar (Vilões, Caboclos, Catupés, Congos, Moçambiques, ...), porém com estrutura mais simples e ou outros termos que não se configuram na complexidade simbólica dos ritos, cerimônias, atos e narrativas do Reinado.

E, a partir da confluência dos termos e estruturas apresentadas, a autora passa à discussão e apresentação sobre a relação e signo de Nossa Senhora do Rosário e os meandros simbólicos e epistêmicos contidos no Reinado. Em um primeiro aprofundamento, apresenta a relação estabelecida pelos escravizados e seus descendentes, a partir das estratégias e condutas de resistência, sobre as violências e imposições culturais vindas da colonização. Desse modo, apresenta fontes materiais oficiais que possuem registro histórico da existência dos Reinados com a figura do Rei do Congo desde 1706, na qual a permanência das estruturas dos cortejos se mantêm em um *continuum* paradigmático nos elos da tradição e das afrografias dos congados³ que se atualiza nos microssistemas que os constituem,

³ MARTINS, 1997, p. 34.

transbordando, tensionando e rompendo a cultura brasileira e seu simbolismo, através da manutenção ativa da transgressão de suas formas e sentidos que, muitas das vezes, desloca, desafia e modifica a realidade instituída pela cultura e conhecimentos ocidentais. Nesse sentido, a filosofia banto se atualiza através dos festejos mas também na vida constituída no coletivo da comunidade, sacralidade dos ancestrais, inclusive enquanto extensão de si mesmos e continuidade de existência em seus descendentes através do mover constante que pulsa e agencia os corpos, reverberando suas origens a partir de uma gnosis africana.

As guardas, formadas originalmente por homens, responsáveis pelas músicas e manejo das cantorias do cortejo, são códigos sacralizados na força e energia da arkhé que garantem e confirmam seus acontecimentos nos rituais. A linguagem dos tambores, imbuídas desses códigos e energia, desloca o mito católico e ocidental, anulando-o ao mesmo tempo em que o preenche de uma gnosis africana que reinaugura e posiciona a memória de África no Brasil, promovendo a reversibilidade dos papéis e estruturas de poder instituídos nas colônias. Fato este que também ocorre na dobra da encruzilhada aos reis congos, em que ao mesmo tempo que representam elementos do panteão católico também simbolizam as nações africanas, conferindo poder e reconhecimento tanto da própria colônia e igreja aos seus representantes, quanto nas dinâmicas e estruturas de poder e controle que eles, os reis congos, também exerciam em seus semelhantes. Esses movimentos, articulações e configurações que se apresentam nas manifestações dos Reinados, com sua capacidade de unir e juntar grupos étnicos e nações africanas diversas, constituem o ethos da coletividade negra e seu entendimento e utilização como estratégia de resistência e organização, contra seu opressor, desde o tempo das colônias.

A lenda diz que Undamba berê berê, a senhora das águas do mar, Nossa Senhora do Rosário é vista no mar por um negro escravizado que corre para avisar o colono. Ao comprovar a história, os colonos junto à igreja vão para a beira do mar resgatar a santa. Após o feito, a levam para uma igreja com toda pompa e riqueza da época. Porém, misteriosamente, no dia seguinte, a santa está no mar novamente. O processo de retirada dela pelos colonos se repete algumas vezes até que estes desistem. Diante da situação, os negros escravizados se organizam e pedem a permissão para tentarem resgatar a santa à sua maneira. Umdamba berê berê se

aproxima da margem das águas à medida que os tambores sagrados (candombes), tocados pelos negros mais velhos e com as vestes mais simples, cantam e tocam melodias mais lentas, caracterizadas com a insígnia e denominação de terno ou guarda de Moçambique. A santa é retirada pelos escravizados e levada para dentro de uma capela simples, construída por estes, e então permanece lá. Ainda se conta que, uma vez, ao presenciar os castigos infligidos aos negros pela escravidão, Nossa Senhora chora as contas de lágrimas, que se tornam a matéria prima dos rosários, sendo assimiladas aos opelês de ifá, usados como oráculos, adivinhação e instrumento mítico-religioso por muitos negros e escravizados durante esse período, e que eram feitas por sementes de dendê. Relato este que traz mais uma vez a reversibilidade dos acontecimentos, assimilação da gnosis africana e organização estratégica dos diversos saberes dos povos e etnias escravizadas durante o período colonial.

As narrativas trazidas pelos integrantes do Reinado, desde o mais novo até o mais velho, mesmo diante da variação de detalhes e maneiras de se contar a história, se encontram e se repetem em três pontos-chaves: a repressão vivida pelo negro escravizado na colônia; a reversibilidade dos papéis sociais e poder a partir da retirada da Santa da água entre brancos e negros dentro da sociedade brasileira; e o fato desse acontecimento se dá através do batuque dos tambores. Esses pontos revelam dois movimentos instituídos a partir desse acontecimento nas estruturas e relações sociais e de poder na sociedade. A primeira se refere a relação e inversão de poder entre brancos e negros, e a segunda a instituição de uma organização e hierarquia própria entre os grupos étnicos africanos ali escravizados.

As estruturas como os Reinados acontecem, exprimem, se reatualizam e configuram são, para além das relações entre os povos, movimento e instrumento entre as redes de comunicação, espaço para criação de estratégias e resistência bélica que propiciaram durante o período escravocrata a revolta dos escravos, atuação efetiva dos quilombos e várias outras manifestações negras contra o sistema e as posições do negro na sociedade brasileira⁴.

São quatro os fundamentos dos modos de enunciação da oralitura da memória que se destacam com os congadeiros: 1 - a atemporalidade do narrador em

⁴ MARTINS, 1997, p. 60.

sua performance, que se torna ponto de encontro dos narradores passados, do momento presente do ato e sua singularidade, manifestação, criação e manutenção da tradição; 2 - a repetição que cria, modula e reifica a ação do ato de narrar; 3 - a repetição de expressões figuradas, que tanto realçam quanto densificam o sentido das palavras, criando duplos sentidos e enigmas / códigos nas narrativas; e por fim, 4 - os recursos de expressão vocativa que trazem o ouvinte e participante como testemunha dos saberes compartilhados. De maneira semelhante, os cânticos trazidos pelos narradores possuem desdobramentos intencionados que vão desde o timbre, a forma como os versos são construídos e as estruturas das palavras, sendo possível promover a dobra no tempo e espaço, acessando memórias, histórias, transmitindo conhecimento e reificando a tradição no presente ao mesmo tempo em que se promove uma nova escrita.

A linguagem musical, traduzida em toda a performance do Reinado, se configura inclusive como uma das maiores heranças e continuidade de uma descendência que se atualiza em sua oralitura através das qualidades rítmicas, diversidade melódica, canto antifonal, dispositivos de percussão, narrativas líricas e, funcionalidade expressiva em que arte e vida não se separam. Além dessas características, ainda há a tendência à obliquidade em que o enunciado direto é considerado bruto e destituído de imaginação, e o encobrimento de todos os conteúdos em paráfrases sempre mudadas é tido como critério de inteligência e personalidade⁵.

O Reinado de Nossa Senhora do Rosário no Jatobá configura em um dos mais proeminentes e importantes reinados das Minas Gerais e da cultura afro-brasileira. Apesar disso, o registro da Irmandade de Nossa Senhora do Jatobá se dá apenas, e mais tardiamente em detrimento de outras, em 1976 com o capitão-mor João Lopes que cumpre o desejo de seu pai e filia a Irmandade à Federação dos Congados de Minas Gerais com registro em cartório. Diante disso, ao contrário de outras Irmandades, a busca e reconstrução de sua formação e história foi toda feita através da oralidade de seus membros e do cruzamento de suas histórias. E somente a partir dessa escuta, pesquisa e registro, foi possível traçar um fio condutor em que a autora nos leva até o período colonial e aos registros documentais das fazendas,

⁵ MARTINS, 1997, p. 125.

produção comercial, bens e espólios familiares da época, em que se incluía dados e informações sobre os escravizados e suas origens desde a África.

O fundador mestre da Irmandade de Nossa Senhora do Jatobá, foi um ex-escravizado chamado seu Malaquinhas do Formigueiro, que fundou a Irmandade após cindir parceria e fraternidade com a Irmandade de Ibitité. Segundo os registros da memória, era um homem encenqueiro, que possuía o rosto todo marcado pelas violências vividas pela escravidão e que também foi um dos responsáveis por ensinar e transmitir a fala africana aos congadeiros da época. A partir de outra cisão interna, já no início do século XX, década de 30, a Irmandade passa a ser comandada e dirigida pelo capitão-mor Virgolino Motta e é através dele que ela cresce e firma os fundamentos das tradições dos Congados na região, se tornando referência e entrando para a história do Congado em Minas Gerais. Foi Virgolino que idealizou e organizou a missa conga e muitos de seus cantos, os quais acompanham a celebração. Foi ele também que construiu a primeira capela de Nossa Senhora do Rosário em 1950. Junto com sua esposa, Dona Maria Ferreira, foi o guardião dessa tradição. No leito da morte, ele designa seu filho mais novo, João Lopes, para dar continuidade a sua missão e trabalho junto à sua esposa, Dona Maria, que permaneceu a dar apoio, organizar e coordenar os bastidores da Irmandade ao lado de seu filho. Para se assumir esses cargos de liderança, além da indicação feita pelo capitão-mor, é preciso o reconhecimento de toda a comunidade sobre esse membro que deve ter consigo o conhecimento e vivência da Irmandade a partir e através dos seus ritos fundamentais. Os ensinamentos vêm do convívio, vivência e experiência dentro da Irmandade em que os mais velhos ensinam para os mais novos. Esse processo é composto por vários momentos, etapas e degraus que podem durar um longo período de tempo e que vai sendo assimilado pela própria experiência durante a performance ritual e acontecimento do calendário e festejos da Irmandade e do Reinado.

João Lopes, *anganga muquiche* (termo utilizado àqueles considerados mestres detentores dos fundamentos e sabedoria das tradições e conhecimentos do Reinado), capitão-mor e capitão do Moçambique da Irmandade do Reinado de Nossa Senhora no Jatobá, durante sua vigência, a exemplo de seu pai, também promoveu uma série de melhorias e inovações a Irmandade. Desse modo, ele criou os cargos de rainha de Santa Efigênia, Nossa Senhora das Mercês e do rei São Benedito, além

da primeira guarda regida por mulheres. As inovações e melhorias propostas por suas lideranças sempre estão ancoradas no movimento mítico-religioso que transpassa toda a tradição e fundamentos ali existentes. E, uma vez que, anganga muquiche não conseguiu deixar nenhum descendente familiar para dar continuidade ao seu processo e cargo, João Lopes, inovou mais uma vez ao decidir registrar em livro, parte do conhecimento e tradição adquirida por si no Reinado do Jatobá com receio de que todo esse conhecimento fosse perdido. Em 1995, a Irmandade se torna patrimônio histórico e cultural de Belo Horizonte.

Por fim, para além de toda tentativa de tradução à respeito da performance, do acontecimento e encantamento que o Reinado é e carrega consigo, na própria dinâmica que o sistema apresenta, o livro vai plantando sementes e germinando os conceitos, ideias, práticas e toda a ligação e pertencimento que cada detalhe e estrutura apresenta e vive no Reinado. Da voz ao gesto, aos objetos, ritualística de cada momento e processo, vestimentas, culinárias, organização de seus membros e afins, em sua repetição / refazer – viver, se recria e faz acontecer. É o sagrado presentificado na memória e na ancestralidade, ligado a cosmologia africana a partir dos seus símbolos, signos e gnosias traduzidas no caminho que se cruza e atravessa, no chão que se pisa, no gesto e em cada canto, espaço de encruzilhada e significância emblemática. No limiar entre o visível e o invisível do que está posto e o mistério. Tudo tem razão de ser, possui e carrega um sentido, preenchido da arkhé e logos africano.

Não deixar o gunga morrer, não deixar a gunga calar, é sonorizar os saberes legados pelos ancestrais, vivenciados na *performance* do rito. Assim os tambores desafiam a morte, pois na fala das caixas burburinham, vazando o silêncio, todos os fonemas que matizam os tempos e territórios da voz. Só então a palavra-rizoma, enunciada no presente com o hálito da memória, pereniza-se, dinamicamente, no tempo rito e da história, como força numinosa no reino híbrido da linguagem, cantando a diversidade do humano e da cultura, desafiando as sombras com o fulgor das coroas, alumbrado pelos Congos:

A lua se escondeu
Atrás das matas
A coroa da rainha
Alumiou de prata
Canta e dança
Crioulo
Canta e dança
Crioulo
Que a força vem de Zâmbi

*Cântico de Moçambique.*⁶

A encruzilhada nos encontra na diáspora junto à fissura abissal, e tal como seu senhor, Exu Elegbara, nos convida e brinda com o tempo e o espaço para escrevermos afrografias da memória, através da oralitura das performances, com os nossos corpos, em seus agenciamentos, nas mais variadas formas das manifestações afro-brasileiras. E enquanto caminho, que esta possa nos conduzir para além e cada vez mais ao encontro do nosso melhor sem que nos percamos dos sentidos e do seu fio condutor às nossas origens, raízes, fundamentos ancorados no logos / arkhé africana. Pelo direito de Ser na diferença com dignidade e equanimidade no *continuum* de nossa (re)existência. Àṣẹ wàá.

⁶ MARTINS, 1997, p. 171.